



Desobediência feminista: Escrita de pesquisas com poesia e cartas

*Feminist disobedience:
Writing research with poetry and letters*

*Desobediencia feminista:
Escribir investigaciones con poesía y cartas*

Giovanna Marafon¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Júlia Muniz de Alvarenga²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Yago Marinho Aquino do Nascimento³
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

RESUMO

Inspiradas pelo verbo desobedecer, discutido por Debora Diniz e Ivone Gebara (2022), bem como pela ideia de práticas de liberdade, relacionamos a desobediência feminista com a proposta de ruptura dos modelos hegemônicos de escrita acadêmica. Associamos esse movimento à apresentação de nossas pesquisas, com discussões sobre gênero e sexualidade. Para tanto, pensamos e propomos outros modos de produção de uma escrita desterritorializada na universidade, a partir da discussão de investigações em andamento em um grupo de pesquisa, que incluem exercícios de escrita com poesia em narrativas de produções culturais desde a periferia e a elaboração de cartas. Os diálogos com a escrita consideram os seguintes campos: produção cultural de uma rede feminista, que articulou coletivos de música e poesia, problematização do atendimento a crianças e adolescentes trans e travestis em serviços de acolhimento (em medida protetiva); experiência LGBTI+ no enfrentamento à LGBTI+fobia escolar e formação docente.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; Gênero e sexualidade; Desobediência feminista; Cartas; Poesia.

¹ Professora da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenadora da GIRA – Grupo de Pesquisa em Feminismos, Relações Raciais, Deficiência e Outras Dissidências. Bolsista de Pesquisa Prociência/UERJ; <https://orcid.org/0000-0003-3423-4676>; Endereço eletrônico: giovannamarafon@gmail.com

² Psicóloga. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Especialista em Psicologia Jurídica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bolsista FAPERJ; <https://orcid.org/0000-0003-1850-2554>; E-mail: juliamunizalvarenga@gmail.com

³ Licenciado em Química. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista FAPERJ; <https://orcid.org/0000-0003-0471-1929>; E-mail: yagomarinho.aquino@hotmail.com



ABSTRACT

Inspired by the verb disobey, discussed by Debora Diniz and Ivone Gebara (2022), as well as by the idea practices of freedom, we relate feminist disobedience to the proposal to break the hegemonic models of academic writing. We associate this movement with the presentation of our research, with discussions on gender and sexuality. For that, we think about and propose other ways of producing a deterritorialized writing in the university, from discussions of ongoing investigations in a research group, which include writing exercises with poetry, in narratives of cultural productions from the periphery and with the elaboration of letters. The dialogues with writing consider the following fields: cultural production of a feminist network, who articulated music and poetry collectives, problematizing the care of transgender and transvestite children and adolescents in shelter services (as a protective measure); LGBTI+ experience in facing LGBTI+phobia at school and teacher training.

Keywords: Academic writing; Gender and sexuality; Feminist desobey; Letters; Poetry.

RESUMEN

Inspirándonos en el verbo desobedecer, discutido por Debora Diniz y Ivone Gebara (2022), así como en la idea de prácticas de libertad, relacionamos la desobediencia feminista con la propuesta de ruptura de los modelos hegemónicos de escritura académica. Asociamos este movimiento con la presentación de nuestras investigaciones, con discusiones sobre género y sexualidad. Para eso, pensamos y proponemos otras formas de producir una escritura desterritorializada en la universidad, a partir de discusiones de investigaciones en curso en un grupo, que incluyen ejercicios de escritura con poesía, en narrativas de producciones culturales de la periferia y con la elaboración de cartas. Los diálogos con la escritura consideran los siguientes campos: producción cultural de una red feminista, que articuló colectivos de música y poesía, problematización de la atención a niñas, niños y adolescentes trans y travestis en los servicios de acogida (como medida de protección); Experiencia LGBTI+ en el enfrentamiento a la LGTBI+fobia en la escuela y en la formación del profesorado.

Palabras clave: Escritura académica; Género y sexualidad; Desobediencia feminista; Cartas; Poesía.

Introdução

É possível escrever academicamente usando estilos como poesia e carta? Por que não seria possível? Para tentar responder a essas duas questões, frequentemente levantadas por estudantes de graduação e pós-graduação em disciplinas de práticas de pesquisa, apresentaremos um percurso investigativo com a escrita. Pensamos o processo da escrita como um trabalho artesanal e que merece destaque na metodologia de pesquisa, pois o ato de escrever não é exclusivamente um instrumento para transmitir o que já se sabe e supostamente está elaborado para ser comunicado. Mais que isso, e aqui destacamos como primordial na pesquisa, tomar a escrita como processo, integrante dessa elaboração, disposto aos deslocamentos que podem aparecer no escrever, reparar o que foi escrito e reescrever.

A autora Luciana de Oliveira Pires Franco (2016) também reforça a inseparabilidade da escrita - como aposta metodológica - e do campo de pesquisa. Ela destaca que no campo, o modo como a pessoa pesquisadora “colhe dados, registra e analisa é o próprio método -



impossível desvencilhá-lo da escrita” (FRANCO, 2016, p. 15). Por isso, o modo como narramos as histórias e expomos nossas ideias e análises se relaciona com uma política da escrita.

Na discussão que apresentamos, tentamos nos distanciar de modelos prontos e propor outras estéticas. Escrever dentro dos padrões de escrita acadêmica responde a determinados parâmetros reais ou imaginados nas ciências e repetidas vezes reiterados, seja nos discursos, seja nos manuais, nas teorias e práticas. Como exemplo, mencionamos um episódio ocorrido recentemente durante um congresso que discutia diversidade sexual e de gênero, no qual, após a discussão apresentada pelas autoras deste texto sobre outros modos de pensar a escrita, um pesquisador da área do direito narrou que, no percurso acadêmico dele, escutou de um professor que não poderia escrever um parágrafo sequer, sem citar outras pessoas autoras e que, somente após o recebimento do título de doutor, poderia se autorizar a escrever sozinho. O uso que esse professor fez de um lugar hierárquico gerou medo no pesquisador, tal como já advertia bell hooks, muitos estudantes "tinham medo de transgredir fronteiras" (hooks, 2013, p. 19). Ou seja, ao invés de um diálogo com teóricas, muitas vezes quem escreve se esconde nas citações, ideias e palavras de outras pessoas. Sendo assim, o que resta de criatividade e de autoria nos textos acadêmicos?

Para pensar sobre essa questão, aproximamo-nos das discussões levantadas por Débora Diniz e Ana Terra (2014) sobre plágio e a necessidade de atenção à ética na comunicação acadêmica. As professoras destacam a complexidade do debate sobre “autoria”, pois não basta escrever para ser considerada uma pessoa autora. Ao mesmo tempo que é imprescindível o reconhecimento das referências teóricas, para evitar as diversas formas de plágio, o modo como é feita a associação de ideias, os usos dos textos e as "costuras" entre eles podem ser originais e inéditas. Contudo, observamos que algumas dinâmicas da área acadêmica, ao não discutir propriamente a escrita e os processos por meio dos quais escrevemos, acabam por cobrar de estudantes uma escrita, sem que ela seja ensinada e praticada conjuntamente. Com isso, em meio a ausências de sentido e de relações, algumas regras e orientações podem se tornar ineficazes, levando-nos a questionar se, intencionalmente ou de forma descuidada, o plágio pode resultar, muitas vezes, de um não saber participar do processo de criação, que é a escrita.

Acrescentamos que, igualmente, docentes podem ter medo de transgredir fronteiras, como percebeu hooks (2013). Escrever na forma dita impessoal, conjugada em "observa-se", "pretende-se", "conclui-se", entre outras, apaga e silencia marcas e marcações de quem escreve. Escrever no suposto universal masculino faz parecer que todas as pessoas que escrevem são homens brancos e letrados de maneira uniformizada e compatível com a atribuição, historicamente construída, de um pensamento eurocentrado na produção do conhecimento. Sobre isso, cabe-nos mencionar também como é o regime de referenciação de autorias, baseado nas regras em vigor da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e adotado pela maioria de periódicos e guias de feitura do trabalho acadêmico nas universidades. De neófitos pesquisadores, como nos dizem Diniz e Terra (2014), a pesquisadoras/es experientes, aprendemos a utilizar essa grade de citações. Entretanto, ela frequentemente se baseia em um sistema autor/data, que é o autor, não são supostas outras subjetivações ou outros engendramentos de ser na escrita.

O sistema autor/data privilegia o último sobrenome do autor, geralmente o sobrenome da família paterna de quem escreve. Quando nas referências bibliográficas, ao final, encontramos os prenomes das autorias, indicados somente pela letra inicial, é frequente a sensação de que se trata sempre de autores. Torna-se mais difícil reparar nas proveniências e nos pertencimentos das autorias. Isso se evidencia quando fazemos algo propositivo para "revelar" de onde parte a escrita, por exemplo, com a menção aos nomes completos desde a primeira vez que uma autoria é citada, tal como fez e explicou Megg Rayara Gomes de Oliveira em sua tese de doutorado "O Diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na Educação", publicada na forma de livro (2020). Igualmente, destacamos a política de citações e referências utilizada por este periódico e a que é adotada explicitamente pela REF (Revista Estudos Feministas), na sessão sobre a revista, intitulada "foco, escopo e política", na qual traz a seguinte decisão:

O comitê editorial da Revista Estudos Feministas decidiu utilizar o feminino como padrão para os textos de normas e políticas editoriais. Essa decisão levou em conta a acessibilidade dos textos para pessoas com deficiência visual e como uma ação afirmativa para valorizar a escrita das mulheres, que são a maioria das colaboradoras da REF. Esperamos que todas, todos e todes sintam-se incluídas nesta linguagem (Revista Estudos Feministas).



Além da escolha propositiva do feminino como padrão para a escrita dos textos, convidando todas, todes e todos a se sentirem incluídas, a REF, em suas Normas de Publicação, também adotou "como prática a inclusão, na primeira entrada de citação ou paráfrase de cada autora, o prenome completo" (p. 2). Motivadas por essa formatação, praticamos a liberdade de fazer isso neste texto, queremos dizer, também em reconhecimento à maioria das autoras com quem dialogamos, escolhemos o feminino como padrão na linguagem e em todas as referências, na medida em que aparecem no texto, trarão o prenome seguido do sobrenome.

1. Desobediências feministas e práticas de liberdade

Em um mundo em que caibam mais mundos, é importante desobedecer a essas formas e fórmulas. É necessário ousar, desobedecer e criar referências que nos sirvam para escrever com práticas de liberdade, criar práticas pedagógicas radicais. Escrevemos inspiradas no verbo DESOBEDECER, discutido por Débora Diniz e Ivone Gebara (2022). Segundo as autoras, desobedecer "é infringir ordens dadas, costumes, tradições, leis que se pretendem reguladoras de comportamentos e guardiãs da convivência comum" (DINIZ e GEBARA, 2022, p. 268). Relacionamos a desobediência feminista com a proposta de ruptura dos modelos hegemônicos de escrita acadêmica e, para isso, aproveitamos a confluência de nossas pesquisas sobre gênero e sexualidade com o pensar a escrita. Como desobedecer às normas de gênero e sexualidade e, ao mesmo tempo, desobedecer à padronização da escrita acadêmica?

No livro, para ampliar o sentido, as autoras também resgatam a origem da palavra obedecer, que envolve "ouvir com seriedade, com atenção as pessoas e os acontecimentos da vida. A obediência real implica estarmos atentos e sermos cuidadosos uns com os outros". (DINIZ e GEBARA, 2022, p. 269). Portanto, em um duplo movimento e por esse caminho de desobediência feminista à ordem patriarcal e na criação de outras obediências, interessa seguir o que escapa e o que pode vir a escapar das normas de gênero e sexualidade e, ainda, propor outros modos para pensar a escrita acadêmica.

Para isso, exercícios de liberdade são necessários. Entendemos que a liberdade não é algo em absoluto, mas um exercício, em que se pratica ao mesmo tempo em que se ensina, porém, envolve riscos e perigos, como o de abrir-se a algo novo, inusitado e para o qual talvez não nos tenham formado, então temos alguns exemplos possíveis para contar. Novamente nas palavras da mestra hooks: "não quero que os alunos corram nenhum risco que eu mesma não vou correr, não quero que partilhem nada que eu mesma não partilharia" (hooks, 2013, p. 35).

Sendo assim, para este texto trazemos algumas histórias a partilhar. São histórias de encontros com pesquisas e modos de escrevê-las, visando conhecer, com as artes e com a cultura popular urbana, maneiras que podem habitar nossos fazeres na educação e na vida. Começamos pela contranarrativa encarnada por duas coletivas, de música e poesia, que se encontraram na gravação de um programa audiovisual, montado por uma rede feminista da periferia de uma metrópole brasileira. Da descrição desse episódio audiovisual, recolhemos a inspiração para uma prática de escrita, que nos lançou em possibilidades de estetização da, assim comumente chamada, escrita acadêmica.

O estudo de maneiras outras de escrever encontrou uma doutoranda que já se aventurava com as cartas e um mestrando disposto a isso também. A elaboração das cartas inspirou produções acadêmicas e, por isso, ganhou destaque nas duas pesquisas de pós-graduação. Pretendemos refletir sobre a produção na universidade, a partir da apresentação de parte das três investigações em andamento no grupo de pesquisa, que incluem narrativas de produções culturais desde a periferia e a elaboração de cartas. O diálogo aqui proposto se dá com os seguintes campos: produção cultural da rede feminista "Roque Pense!", com repercussões para pensar a escrita; problematização do atendimento de crianças e adolescentes trans e travestis em serviços de acolhimento; experiência LGBTI+ no enfrentamento à LGBTI+fobia na graduação de um Instituto Federal de Educação e desdobramentos para a formação docente.

Acompanhadas de Gloria Anzaldúa (2000) e sua proposta de uma "escrita orgânica", produzida a partir das nossas entranhas, dialogamos a partir de vivências enquanto minorias sociais (pesquisadoras feministas e pesquisador LGBTI+), apresentamos essas narrativas e produções realizadas a partir da periferia do mundo.



2. A história de uma dobra

A pesquisa que tem possibilitado recolher iniciativas estéticas com a escrita, na música, vem acontecendo na investigação de uma docente na pós-graduação e uma bolsista de Iniciação Científica. Partiu do interesse em conhecer a produção feminista e coletiva de um grupo que atua na Baixada Fluminense há 11 anos, a Roque Pense!, cuja intenção é fomentar uma educação antissexista e antirracista. De início, a atuação dessa coletiva se deu na cena do *rock* periférico produzido e protagonizado por mulheres, pensando nelas como público que desfruta e cria, não somente como acompanhantes passivas de homens. Depois do ano de 2015, adquiriu contornos de produção transmídia, valendo-se das redes sociais e da produção de temporadas de programas audiovisuais, disponíveis no Youtube.

A pesquisa acompanha as invenções e negociações de gênero e sexualidade praticadas nas ações dessa rede ao longo de mais de uma década. Durante sua atuação, foi identificada a sequência de seis programas audiovisuais com música, gravados no ano de 2019, com duração média de 30 minutos cada episódio, contando com a participação de uma banda convidada e/ ou coletiva de intervenção urbana. Ao analisar esses materiais, percebemos a necessidade de tornar a nossa escrita acessível, utilizando recursos de descrição mais sensoriais, que culminaram em um exercício novo. Como propuseram Giovanna Marafon, Andrea Chiesorin Nunes, Yohanna Almeida e Giordana Moreira, entendemos que: "A escrita escrevente é transitiva, permite tornar visíveis algumas operações e opressões que teriam se ocultado, a exemplo dos sentidos, tornar visível e descritivo o que sentimos e o modo como um fazer nos afeta." (MARAFON, NUNES, ALMEIDA e MOREIRA, 2020, p. 928-929).

Com essa inspiração, para este texto, escolhemos passagens do programa audiovisual: "Estúdio Roque Pense! Tambores de Safo part. Slam das Minas RJ | 3ª Temporada | EP 5". Nele, podemos tomar como fonte de pesquisa o material composto pelo que a Banda Tambores de Safo, do Ceará, e o Slam das Minas RJ, juntas, em programa produzido pela Roque Pense!, enunciam por meio do audiovisual na música, dando a conhecer seu processo de produção artística e cultural, assim como nós podemos pensar a escrita com estética.

O acontecimento da dobra na gravação do episódio cinco da terceira temporada da Roque Pense! foi o que nos animou a uma escrita coletiva, criando a oportunidade de colocar em composição a escrita de nossas pesquisas, movida pelo tema da escrita em comum.

O episódio finalizado, depois de edições, tem duração de pouco mais de 26 minutos. Temos a apresentação de duas coletivas, Tambores de Safo e Slam das Minas, compostas por mulheres negras, lésbicas, bissexuais e pessoas transgêneras, na parte final, por volta de 20 minutos de andamento da gravação, há uma conversação entre elas. Raiane Barcelos, do Slam das Minas, falava sobre o encontro entre as duas coletivas e a criação de redes, pontes entre elas e afetos atrelados. Artes que se cruzam e se combinam, em que elas visam disseminar uma arte politizada, o que chamam de "uma nova postura", que é feminista, antirracista, antiLGBTI+fóbica e antifascista.

Vemos os bastidores da *live*, em que as coletivas se reúnem para combinar a apresentação, sentam-se no sofá, vão para o estúdio, ensaiam com e sem instrumentos, conversam e olham-se nos olhos. Mesmo a edição tendo encaixado cortes gravados em diferentes momentos e ambientes, a harmonia entre elas passa a impressão da continuidade de um plano em sequência, porque tudo acontece de forma leve, descontraída e fluida, entendem-se como se fossem um único grupo.

Débora Ambrosia, mulher preta, produtora do Slam das Minas, lembra-se da história do poema de dobra. Naquele momento, uma voz de alguém que não vemos no vídeo, provavelmente uma das integrantes de Tambores de Safo, pergunta: "O que é a dobra?". Tom Grito, transmasculino branco, responde que a dobra provém de uma ideia de Geise Gênesis, mulher preta do Slam. A seguir, uma transcrição de parte da conversa:

A gente escreve...num... pega um papel, cada uma faz uma linha e dobra. Aí a outra escreve outra linha e dobra. Ninguém vê o que a outra tá escrevendo acima, entendeu? E, sei lá, dá um tema. Sapatão, por exemplo. Aí vai escrevendo e vai dobrando, escrevendo e dobrando. E aí no final, é um poema só, construído por todo mundo, entendeu? E aí... pensa em como que a gente vai musicar isso, assim, tipo. Porque, com certeza, vai ter ali... uma das frases vai ser nosso refrão, entendeu? Que a gente vai falar: "Essa frase aqui ó, é refrão!" (Ouvem-se gargalhadas e vemos uma das integrantes de Tambores de Safo em primeiro plano no vídeo). (Estúdio Roque Pense, episódio 5, 2019).



Entre elas, combinadas na proposta coletiva, tem início uma nova conversação para fazer o exercício da dobra conjuntamente. Discutem qual seria o tema. Uma delas afirma com bom humor, que o tema já era "sapatão então" e riem. Depois, diz: "Ou pode também, sei lá, sair dessa coisa do... da ideia da relação também. Ser o que seria o auto-amor, auto cuidado... ou o próprio cuidado, sei lá". Logo vem a concordância: "Ah eu gosto...". A imagem mostra o cenário do estúdio, a câmera faz uma passada e miramos por todas. Aparece uma fala: "É uma dobra, né, coletiva. Não é sua poesia", ouviam-se risadas, instrumentos de percussão são vistos e uma voz estimula que comecem: "Faz aí pra gente ouvir".

Sabe lá quantas vezes me esqueci pra te lembrar
Hoje não!
Devemos cuidar mais das irmã preta, ao invés de criticar
Afeto sapatão pra acolher
Destruir o ideal branco de amor (ouvem-se páginas da dobra escrita, passando de uma folha à outra)
Se ouvir, se nutrir, deixar a culpa ir
Se respeitar, se amar
Aprender a ser o mar
Cuida, é dado
Todo cuidado
Eco-Ecoa todo tambor chamado ancestralidade
(vozes baixas recitam, ouvimos a percussão do triângulo ao fundo, marcando a sonoridade musical)
Tudo junto traduzindo o tempo
da importância de olhar no espelho
Olhar para si
(Estúdio Roque Pense, episódio 5, 2019).

Vemos a imagem concentrada em Lidia Rodrigues, da Tambores de Safo, mulher negra, careca, usando óculos e um brinco de argola preto escrito em letras douradas "Negra É Linda". Também usa um cordão de miçangas e aparece parte de uma alça estampada em seus ombros. O som dos tambores entra, enquanto o grupo de mulheres acompanha a letra elaborada, na tela de seus dispositivos eletrônicos, em uma roda, uma delas movimenta a cabeça ao som das batidas. Ouvimos a fala: "Pode ser aqui?" e compreendemos que pode se tratar da marcação do refrão.

A imagem corta e entra em cena um outro momento, gravado em outro tempo, posterior àquela escrita da dobra, editado junto à continuidade do episódio com Tambores e Slam. Vemos um diálogo surpreendente, do lado de lá do estúdio, do outro lado do vidro,



onde fica a mesa, com inúmeros botões, e a técnica de som Daniela Pastore. Em diálogo com Navalha Carrera, travesti, guitarrista, compositora e produtora musical experimental, que se vale de texturas sensoriais, Daniela apresenta a gravação da montagem da dobra e Navalha, curiosa, busca entender. Pergunta também onde seria para ela entrar e, então, assinala: "Esse aí foi meio que um não-improviso" e identifica onde poderia compor com sua música. Daniela, que conhece os bastidores e faz parte da produção da Roque Pense, afirma: "É uma coisa colaborativa", sorrindo.

Novamente som e imagem retornam ao estúdio, com a junção das coletivas Tambores de Safo e Slam das Minas. Aparece uma novidade, enquanto releem, Lidia afirma: "Cara, ficou muito lindo de baixo pra cima!", apreciando, sacode a cabeça afirmativamente. Tom responde com uma pergunta: "Não é mais forte de baixo pra cima?". Em movimento de concordância, ouvimos: "Podes crer". E uma invenção: "Selo revés". Enquanto elas seguem conversando e rindo, em clima de satisfação pela composição, entra em cena o baixo tocado por Navalha Carrera, vinda de outro plano para aquele. Então vemos e ouvimos a nova coprodução, em mistura de antes e depois, de sons de percussão nordestina e com poesia ao som do solo de Navalha. Cada integrante das coletivas declama um ou dois dos versos enquanto outras tocam os instrumentos e, no final, todas cantam juntas:

Ecoa o tambor
chamado ancestralidade
[tambores]

cuida, é dado
todo cuidado

que meu sorrir esteja presente
nesse meu bagunçar
[Navalha em solo experimental com o baixo]

me amar e aceitar por completo
tudo o que produzi no tempo
da importância de olhar no espelho
olhar para si

se cuidar só de si
dependesse só de si, seria fácil



mas interferências externas impedem
[Navalha em solo experimental com o baixo]

se respeitar, se amar
aprender a ser o mar
se ouvir, se nutrir
deixar a culpa ir
se ouvir, se nutrir
deixar a culpa ir

destruir o ideal branco
de amar
afeto sapatão pra acolher
cuidar das pretas é o ideal
ao invés de criticá-las

aqui, uma cuida da outra
olhar pra dentro, sentir
transformar em expressão artística

sabe-se lá quantas vezes
me esqueci para te lembrar
HOJE NÃO! [todas]
(Estúdio Roque Pense, episódio 5, 2019).

Da apresentação da pesquisa com a coletiva Roque Pense!, a fruição do episódio audiovisual gravado com a Banda Tambores de Safo, somada à participação do Slam das Minas RJ e participação especial, final, de Navalha Carrera, levou-nos a conhecer o exercício da "dobra". Naquela situação, o tema eleito foi o autocuidado, que contou com a coletivização sapatão, trans, não binária e de pessoas pretas e brancas. Ao final da gira de escritas, foi composta uma escrita só, ninguém sabe quem escreveu cada trecho ou o que resultaria da escrita, até que as dobras do papel sejam desfeitas e a composição seja lida.

Ao lerem, também juntas, emergiu a percepção sonora do que foi escrito, percebidas ênfases e destaques que podem ser, por exemplo, o refrão de uma nova composição musical que emerge. Não somente lida, mas lida ao contrário também, de baixo para cima, o que muda a direção da composição e ainda agrega uma nova camada sonora, sensível e visual que foi atravessada pela batida eletrônica, gravada no estúdio em uma sessão posterior que revisitou e apresentou a dobra à musicista Navalha.

Da arte para a escrita e da escrita para a arte, nesse processo, além de cuidado estético, houve cuidado ético-político. Uma ética do cuidado mútuo, de experimentar outros modos de se relacionar, que prescinde da culpa, por exemplo. Afirmar uma política antirracista, de cultivo e respeito à ancestralidade africana e às irmãs negras. Permitiu a produção de dobras e marcas outras que não estavam pensadas *a priori*. A seguir vamos abordar outro recurso estético, as cartas na escrita acadêmica.

3. A escrita com cartas

Entre os diversos textos que selecionamos, lemos e discutimos no grupo de pesquisa, nos últimos meses, focamos na leitura de produções atentas à comunicação na escrita acadêmica e ao cuidado com quem lê os trabalhos. Entre eles, o artigo: “Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas”, de Ana Cristina de Moraes e Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro (2018), que sugere a ênfase na estética das produções escritas. Destacam a:

necessidade da elaboração da escrita de textos acadêmicos que vislumbre uma configuração estética mais atrativa, arejada e poética, com o intuito de que esse tipo de texto possa gerar nos leitores maior envolvimento, seduzindo-o aos caminhos da aprendizagem instigante e significativa (MORAES e CASTRO, 2018, p. 3).

As inquietações apresentadas produziram ressonâncias em nós e ideias com as quais concordamos. Temos pensado, então, uma escrita mais acessível, poética, com intenção pedagógica, de fácil entendimento e que comunique como foi produzida, levando as aventuras de quem escreve para quem lê. Sendo assim, ao considerar a relevância das cartas e a atenção à estética, vamos trazer trechos de cartas de modo diferenciado das citações de referências teóricas, com recuo, em itálico, para fazer movimentos e marcações na escrita. Tal proposta também se relaciona com a desobediência, pois a maioria dos manuais de orientações de formatação de textos não prevê outros tipos de grafia das escritas.

Compartilhamos brevemente o processo de construção das nossas pesquisas e como buscamos uma aproximação com as pessoas leitoras, a partir do acesso às problematizações



suscitadas ao longo da produção da escrita acadêmica. Somamo-nos à ideia apresentada no texto de Moraes e Castro (2018), de que outras formas de comunicação na escrita, além da padronização, precisam ser praticadas em nosso fazer cotidiano enquanto pesquisadoras e que tal feito tenta romper com a rigidez, sem fragilizar o rigor acadêmico praticado nas pesquisas. Assim, a seguir traremos passagens de mais duas pesquisas em curso até o momento.

A pesquisa de uma das autoras deste texto, em nível doutorado, busca problematizar a proteção de crianças e adolescentes trans e travestis nos serviços de acolhimento do município do Rio de Janeiro. Tem como objetivo, através da escrita, convidar à reflexão profissionais que atuam nos serviços de acolhimento, a respeito do atendimento ao público trans e travesti e, desse modo, produzir novas sensibilidades nas dinâmicas institucionais na proteção às infâncias e adolescências.

Contudo, é preciso considerar o desafio que é sensibilizar as pessoas em relação às dissidências de gênero na infância e adolescência. Muitas vezes, a compreensão é semelhante à que pontuou Oliveira (2020), sobre o olhar de muitos para as crianças, como se só houvesse dois modos de entendê-las, ou assexuadas ou cisheterossexuais. Diante desse obstáculo, para apresentar a proposta de ampliação da discussão de gênero, é necessário pensar a comunicação. Comunicar não é algo simples e não basta querer, precisamos atentar para como estamos nos expressando e para quem estamos dirigindo nossas palavras. É nesse investimento de esforços para comunicar que a carta surge como importante aliada.

É válido contar a história da escolha pelas cartas como recurso de escrita e metodológico. Inicialmente, a pesquisadora não imaginava que as cartas poderiam ser utilizadas para compor uma metodologia de pesquisa. Quando escreveu a primeira carta para o grupo de orientação no ano de 2020, no início da pandemia de COVID-19, tinha apenas a intenção de que aquele recurso a ajudasse a organizar as ideias e contribuísse para a aproximação com as destinatárias. Contudo, a partir das leituras sugeridas pela orientadora, percebeu como a produção de cartas pode se apresentar como uma grande companheira, ao entendê-la tal como propõem Márcia Moraes e Anita Guazzelli Bernardes (2014): “ferramenta narrativa que permite modalidades outras de posicionarmos a forma como interrogamos não só quanto às políticas de cognição científica, mas, sobretudo, quanto às formas que damos à produção do que pesquisamos” (p. 9). Foi uma mudança no modo de escrever e de perceber o

que se escreve e como tem valor o que se escreve, enfrentando os ditames mais rígidos e pouco pensados de uma determinada forma cognitiva ressaltada. Entendemos que existem outras formas a serem praticadas. Por isso, escrever as cartas e inserí-las no texto da tese tem sido o caminho.

Uma das cartas que a doutoranda escreveu foi direcionada a Paul Preciado. A carta fazia um diálogo com o livro “Um apartamento em Urano: crônicas da travessia” (2020) do autor e, mais especificamente, com a crônica “Quem defende a criança *queer*?” (2020), que inspirou o título e diversas discussões da tese de doutorado em andamento, como demonstra o trecho inicial da carta elaborada dia 30 de junho de 2021:

Caro Paul Preciado,

Provocada pelo seu texto “Quem defende a criança *queer*?”, pensei em contar um pouco das minhas inquietações. Talvez você nunca leia essa carta, talvez leia, e de todo modo, posso partilhar os pensamentos que vem me movimentando. Ao ler suas crônicas no livro “Um apartamento em Urano”, tive a sensação de que você nos convida para um passeio por Urano. Aliás, coincidentemente, no dia que escrevo essa carta é um dos dias mais frios da cidade do Rio de Janeiro, claramente não tão frio como você conta que os cientistas descrevem Urano, mas acho que de algum modo essa baixa temperatura me remeteu a tal planeta tão distante, um dos mais distantes da Terra. Como você menciona em diversas crônicas, viver em Urano é quase impossível. Seria se livrar desse mundo cheio de normas de gênero, que conhecemos por aqui. Mas uma volta por Urano às vezes já faz bem, ainda mais como na sua situação, que tem um apartamento no planeta (Trecho inicial da carta direcionada a Paul Preciado e elaborada no dia 30 de junho de 2021).

A carta comunica as inquietações e o que a pesquisadora está construindo na sua investigação. A partir da metáfora do apartamento em Urano e na relação com um território idealizado, livre das normas de gênero, narrado por Paul Preciado no livro, a doutoranda trouxe na carta aspectos do seu cotidiano, o clima e a temperatura da cidade do Rio de Janeiro, para explicar como apreendeu a metáfora do autor.

As metáforas e as cenas do cotidiano são elementos possíveis de se apresentarem nas cartas e favorecem o diálogo entre a pessoa remetente e a pessoa destinatária. Sobre isso, as autoras Moraes e Bernardes (2014) apresentam a tecnologia das cartas como um recurso que nos conecta ao nosso cotidiano, principalmente quando buscamos a comunicação e o diálogo



com uma ou mais pessoas. Ou seja, estabelecemos uma relação ativa com o pensamento, por meio do “exercício do diálogo, do endereçamento, da parceria, da conexão, das zonas de vizinhança que nos tiram de uma condição de apenas relatores solipsistas de conhecimento para uma relação imanente ao pensamento” (MORAES e BERNARDES, 2014, p. 9).

A escrita das cartas também permite perceber os vários corpos que surgiram e que vão surgir no percurso da construção da tese da pesquisadora, compostos de muitas “marcas”, como explica a teórica Suely Rolnik (1993). A autora narra que os “estados inéditos” geram “marcas”, marcas essas que estão sempre se atualizando em nós. O reencontro com essas “marcas” apresenta novas conexões e novas possibilidades no por vir. Como demonstra outro trecho da carta:

Você não sabe, mas meu primeiro contato com seus textos, ocorreu nos encontros de um grupo de estudos sobre o livro “Manifesto Contrassexual” na época que cursava Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Lembro até hoje do convite para integrar esse grupo. Meu professor Auterives Maciel, um filósofo baiano, no final da aula de História da Psicologia, conta que esse grupo se encontrava para ler e debater sobre esse livro, contudo destaca que essa notícia não podia ser espalhada. Sem nem entender o porquê desse mistério - talvez justamente por conta do mistério, me lancei nesse grupo. O livro ainda não tinha tradução para o português, fui à xerox da universidade com o livro em espanhol do professor, como se estivesse carregando uma bomba, algo que ninguém poderia saber. Os encontros eram muito divertidos e estimulantes. Com a apresentação para essa nova teoria, era uma sensação boa de como existe e podemos nos abrir para tantas possibilidades e experiências diferentes. Tentávamos rir baixo, quando falávamos do dildo e com o crucifixo na sala da instituição católica bem acima de nós. E não é que descobri que de fato estava carregando uma bomba? Uma bomba capaz de implodir a lógica cisheteronormativa (Trecho da carta direcionada a Paul Preciado e elaborada no dia 30 de junho de 2021).

O trecho acima, da carta para Paul Preciado, relata uma experiência anterior da doutoranda, em contato com outra obra do autor, por meio do livro “Manifesto Contrassexual” (2017), e descreve a reação dela ao ser apresentada às discussões de gênero e a sensação de subversão. A “marca” dessa experiência, ao ser narrada, reatualiza o desejo de “implodir a lógica cisheteronormativa” e se torna também um dos objetivos principais da tese.

A utilização da elaboração das cartas como metodologia de pesquisa se aproxima da metáfora do andaime móvel (com rodinhas). O que isso quer dizer? Na construção da tese, as

cartas são apresentadas a partir da seleção de alguns trechos, para demonstrar como a elaboração daquela escrita da carta contribuiu na construção do pensamento que estiver em questão.

Uma segunda pesquisa em andamento, em nível mestrado, emergiu de revisitar as experiências de um pesquisador durante a sua formação inicial, em uma disciplina intitulada “Gênero e Sexualidade na Formação de Professores”, ofertada no Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias, e pensada para o curso de Licenciatura em Química da instituição. Durante o processo da pesquisa, buscou recolher da memória situações, relatos, estranhamentos, confortos e desconfortos localizados em materiais já escritos, como trabalhos finais de disciplina, e novas escritas na atualidade do mestrado. No percurso, surgiu a ideia de compor uma carta para o jovem estudante que ele foi no passado e que podem ser muitos jovens hoje, estudantes dos anos finais do ensino médio e ingressantes na universidade.

O exercício de escrita das cartas permite uma liberdade maior para buscar a expressão do que não estava dado, nem conhecido. Há algo que se deseja mostrar nas pesquisas, mas que por insegurança e medo continua escondido nas memórias daquelas que escrevem. Por isso, corroboramos com Anzaldúa quando a autora afirma que “escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior ainda de não escrever” (ANZALDÚA, 2000, p. 232). Assim, escrevemos e cruzamos fronteiras.

O intuito é trazer à superfície na escrita questões outras que poderiam ainda estar despercebidas no cotidiano vivido e que podem ser importantes materiais que compõem a escrita da dissertação. Essa investigação tem como objetivo compreender as possibilidades e potencialidades de estudar gênero e sexualidade na formação docente, buscando entender como professoras podem auxiliar no combate à LGBTI+fobia em suas práticas pedagógicas.

Através da escrita da carta (abaixo) o mestrando vasculhou em suas memórias processos que pudessem dar pistas de como estruturar seu trabalho acadêmico e lá encontrou algumas vivências que atacavam diretamente sua subjetividade enquanto sujeito bissexual e que apontaram para uma pesquisa que pudesse unir formação docente e uma formação humana que desse conta das questões de gênero e sexualidade visando ao combate da LGBTI+fobia enquanto violência de gênero e sexualidade.



Jovem estudante que fui,

Escrevo essa carta para saudar aquele sujeito que fui, que estou sendo e que serei daqui a algum tempo.

Desde que você se entendeu como uma pessoa LGBTI+ muita coisa dentro de si foi mudada. Acredito que hoje, ao olhar para trás, é perceptível o quanto mudou e o quanto suas perspectivas profissionais e acadêmicas também foram mudadas.

Sei que esse processo de transformar não foi uma tarefa fácil. Mudar dói. Aprender é um processo que simultaneamente te destitui e te constitui de múltiplas maneiras.

Quando você era pequeno, evitava ao máximo a alcunha de gay, bixa, viado e outros termos. Tentava sempre se esconder, não chamar muita atenção para si. Durante boa parte da sua vida, você se esforçou para realizar uma fuga de si mesmo.

Lembra que seu pai, assim como toda sua família, é uma pessoa mais conservadora, e uma vez, conversando sobre algo, fez uma relação direta com ser gay e ser uma pessoa que abusa de álcool e outras drogas? Hoje em dia, isso não faz o menor sentido para você!

Um garoto educado, estudioso, "na dele", que frequentava as missas aos domingos... aparentemente um filho perfeito. Será que era mesmo? Você fugia de quem tu eras.

Ao longo dos três anos do seu Ensino Médio, as diversidades se mostraram bonitas em suas mais diversas formas. Foi o primeiro contato que você teve com tantos corpos e subjetividades tão distintas, convivendo num mesmo espaço.

Acredito que ali, na FAETEC, esse seu processo de transformação se iniciou. Quero te tranquilizar e dizer que até hoje ele não acabou. Talvez nunca acabe! Viver é se permitir mudar. É afetar, mas também ser afetado por tudo aquilo que nos rodeia enquanto sujeitos.

Desde o Ensino Médio, sua vida foi tomando outros rumos. Você foi estudar em Duque de Caxias, no bairro de Sarapuí, para se formar professor de Química. Ter sido aluno do IFRJ foi mais uma etapa importante que culminou no seu processo de entrada e vivência no Mestrado. Calma que eu vou te contar: lá você continuou a ter esse contato com múltiplas diversidades e foi também onde teve o primeiro contato com estudos sobre gênero e sexualidade. Esse espaço aprofundou essa desconstrução iniciada durante os anos em que tu foste aluno da FAETEC. Entrar, de fato, na vida acadêmica foi muito importante para você! Além de ter descoberto uma paixão pela Educação, estudar gênero e sexualidade ampliou os teus horizontes de perspectivas de vida acadêmica - você se tornou um pesquisador sobre gênero e sexualidade! Hoje, você deseja ser um futuro professor de ensino superior, que pesquisa formação docente em gênero e sexualidade.

A Química, que foi uma disciplina que foi uma paixão sua desde o primeiro contato no 9º ano do Ensino Fundamental, hoje não é tanto aquilo que te move. O processo de cursar uma graduação em Licenciatura em Química não foi inútil, pois te deu uma formação inicial e as ferramentas primárias para se constituir o aluno de mestrado que tu és hoje.

Bom, hoje, em 2022, ao olhar para o seu passado, é visível que as questões de gênero e sexualidade sempre estiveram à sua volta: seja na relação consigo

mesmo - silenciamento de uma expressão do eu e de um desejo sexual que não faria parte do “normal”, com a sua família - uma vivência de muito sofrimento subjetivo que te trouxe consequências como a timidez, a insegurança e a ansiedade, que hoje você tenta, em terapia e aos poucos, se livrar dessas amarras e com a escola - ser um bom aluno também era uma estratégia para não chamar atenção sobre você.

Não tenho como saber o que o futuro reserva, mas eu espero, com muita vontade, que sua dissertação possa constituir mais uma ferramenta para pensarmos uma formação docente mais humana, que combata as opressões de gênero, sexualidade e raça, visando uma formação cidadã mais plena, em que todas possam caber na escola e nos demais espaços sociais. Além disso, essa pesquisa servirá como um marco na vida da pessoa que escreve essa carta, ajudando no seu processo contínuo de desconstrução e transformação.

Espero poder continuar esse diálogo no futuro.

Abraços e afetos no hoje pensando no cuidado com o passado,

Mestrando (2022).

Foi possível compreender que a LGBTI+fobia impactou a produção de subjetividade, inclusive a do pesquisador, e fez com que percebesse que, na época em que era aluno do Ensino Médio, esse debate não existia na escola e abusos com estudantes aconteciam sem que pudessem ser amparados por docentes ou pela direção escolar. A esse respeito, como afirmou Rolnik (1993, p. 3): "vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo.". Como afirma Daniela Auad (2021), pensar uma escrita a partir das marcas que a memória produz é:

um recurso que permitia a mim e a muita gente lidar com a dor, a partir tanto de lembranças quanto de esquecimentos, de modo a lidar não apenas com os lutos do momento, mas também com a resignificação de vivências ao potencializar aprendizados, saberes, reflexões e poder, e, ainda, gestar conhecimento. (AUAD, 2021, p. 2).

Além disso, uma outra estética na escrita acadêmica nos convida a pensar modos outros de conduzir e compor diálogos mais próximos de nossas leitoras. Inspiradas por Félix Guattari e Suely Rolnik (1999), vislumbramos que através de pequenas, mas significativas, revoluções moleculares na escrita, podemos apresentar, a essa academia por vezes dura e resistente, vozes que emergem de outras subjetividades, que não aquelas dominantes, pois



calçadas em processos de singularização, que não partem de perspectivas hegemônicas na sociedade.

A singularidade vem desse lugar de insubmissão, rebeldia e questionamento. É pensar a criação de novas formas de ser e estar no mundo que possam romper com as subjetividades estanques e alienadas pelo Capitalismo Mundial Integrado (CMI), conforme Guattari e Rolnik (1999) nos indicam. Ao invés de pensarmos escritas que continuem colaborando com uma perspectiva masculinista na academia, queremos propor, através de nossos trabalhos, um devir feminista, LGBTI+, negra/negro e pessoa com deficiência. Ou seja, desejamos compor uma pesquisa com grupos de pessoas que são consideradas minorias sociais.

Desejamos colaborar para uma produção científica que possa representar essa polifonia que se quer fazer presente nas pesquisas e nas escritas acadêmicas, mas que há muito vem sendo silenciada. Trata-se de uma escrita desterritorializada, inspirada naquilo que Daniela Auad e Cláudia Regina Lahni (2021) chamam de topografias feministas, que é “uma teoria das mulheres que não se localizam e não são localizadas”. (AUAD e LAHNI, 2021, p. 2).

Reivindicamos uma outra forma de escrever que não fique restrita aos manuais tradicionais de elaboração de trabalhos acadêmicos. Assim como as feministas, queremos sempre estar em movimento nas nossas pesquisas através das escritas, conjugando parcerias, afetos e memórias.

Considerações finais

Procuramos extrair os efeitos da aposta em outros modos de escrever as pesquisas. Começamos pela narrativa da dobra, ao acompanhar a escrita de um poema musicalizado pelas coletivas Tambores de Safo e Slam das Minas RJ, na produção audiovisual da rede Roque Pense!, entendendo que aquele fazer artístico e cultural significa uma inspiração para pensar a escrita acadêmica feita a várias mãos, como (a)bordamos neste texto. Pensar os processos e expor o modo de produção deles nos interessou como estratégia metodológica, que dá a ver os bastidores da escrita e o que mais tradicionalmente poderiam ser considerados

rascunhos, borrões, muitas vezes apagados dos textos. Aqui, ao contrário, a construção, como em uma obra, com o material à mostra, é o que nos convoca a revisitar as escritas.

Semelhante à música produzida pelas coletivas, nosso texto resulta da dobra de escritas diversas. Até mesmo a sensação de dobrar a folha e passar adiante foi experimentada, ainda que de outro modo, pois podíamos ver em tempo real ou algum tempo depois o que cada pessoa havia escrito neste texto coletivo. Autorizamos-nos, entre todas, a entrar e mexer no que já estava escrito quando cada uma abria o arquivo novamente. Mudamos sentidos, invertemos escritas, mudamos lugares e nos deslocamos na medida em que escrevíamos e (re)líamos.

Da investigação de doutorado apresentada, foi possível compreender que um novo estilo de escrita na pesquisa emergiu com a elaboração de cartas. Quando escrevemos uma carta, imaginamos a pessoa destinatária e buscamos nos expressar de modo a transmitir nossa mensagem. Escrevemos atentas a quem vai receber a carta. Como exemplo, destacamos a carta que a pesquisadora endereçou para Paul Preciado e, como na construção dessa carta, o diálogo com as ideias do autor ajudou na organização das ideias da pesquisadora e na formulação do problema de pesquisa e do objetivo da tese que é uma aliança com as práticas que rompem as normas de gênero estabelecidas.

Na pesquisa de mestrado relatada, ficou evidente o diálogo com as experiências vividas na escola, na formação docente inicial e refletidas atualmente na formação em pesquisa no campo de estudos de gênero e sexualidade. Foi necessário um mergulho do pesquisador em suas memórias para entender qual caminho de investigação seguir, ao se deparar com situações que apontavam para a presença de opressões de gênero e sexualidade ao longo de suas vivências durante os anos escolares. Isso porque aquelas memórias e suas marcas apresentam, ainda, implicações no presente.

Impulsionada por essas marcas, a pesquisa pretende contribuir para a reflexão e o alargamento da formação docente desde as perspectivas da formação humana. A escrita da carta contribui no processo de entender as vivências das opressões de gênero e sexualidade, além de compor o entendimento necessário para combatê-las.



Sugerir outros modos de escrita não está relacionado a perder o rigor, ao contrário, caminhamos lado a lado à proposta de Rolnik (1993) quando, em seu memorial de concurso para professora titular, instigou a pensar sobre o “rigor ético/estético/político” que se aproxima mais da esfera “ontológica do que metodológica, intelectual ou erudita” (ROLNIK, 1993, p. 6).

Ou seja, é necessário que esse rigor não seja apenas um mero reproduzidor de regras fixas da escrita acadêmica e que possa servir para a produção de dobras e marcas outras que não estavam pensadas, a priori, mas que emergem e podem proliferar nesse fazer de escritas poéticas e desobedientes. Precisamos nos afetar para escrever de outros modos e para que leitoras de nossos trabalhos também se deixem afetar por uma escrita não-normativa que produz outros modos de comunicar, com estética de criação de nossos campos de estudo e intervenção, bem como comprometidas politicamente. Por rigor político, entendemos a afirmação de modos de vida dignos para crianças e adolescentes trans e travestis, para que a escola não seja lugar de LGBTI+fobia institucional e sim lugar onde sujeitos LGBTI+ possam existir e se formar e, para isso, entre alianças, conhecer e acompanhar as movimentações de coletivas feministas que abraçam lutas antissexistas, antirracistas e antiLGBTI+fóbicas. Esperamos que a partilha da escrita chegue como partilha de leituras para movimentar novas escritas.



Referências

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229 - 236, 2000.
- AUAD, Daniela. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1 - 15, 2021.
- AUAD, Daniela; LAHNI, Claudia R. Topografias Feministas: uma teoria das mulheres em movimento. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1 - 6, 2021.
- DINIZ, Debora; TERRA, Ana. **Plágio: palavras escondidas**. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2014.
- DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. Desobedecer. In: **Esperança Feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022, p. 261 - 276.
- ESTÚDIO Roque Pense! Navalha Carrera | 3ª Temporada | EP 2. Produção de Roque Pense. Realização de Roque Pense. Rio de Janeiro, 2019. (32 min.), son., color. Legendado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZqHWa_BN5uA&t=1s Acesso em: 15 ago. 2022.
- FRANCO, Luciana O. P. **Por uma política da narratividade: pensando a escrita no trabalho de pesquisa**. Niterói: EDUFF, 2016.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Subjetividade e História. In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 25 - 126.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- MARAFON, Giovanna; NUNES, Andrea C.; ALMEIDA, Yohanna; MOREIRA, Giordana. O perigo da escrita: Michel Foucault, bell hooks e uma pesquisa feminista - inspirações que nos afetam. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 914-934, 2020.
- MORAES, Márcia; BERNARDES, Anita G. Apresentação. In: **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia**. Recurso eletrônico. Vitória: EDUFES, 2014.
- MORAES, Ana Cristina; CASTRO, Francisco M. F. M. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. 1-15, 2018.
- OLIVEIRA, Megg Rayara G. **O Diabo em forma de gente: r(e)xistências de gays afeminados, viados e bichas pretas na Educação**. Salvador: Devires, 2020.
- PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- PRECIADO, Paul. Quem defende a criança *queer*?. In: **Um apartamento em Urano - Crônicas da travessia**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 69-73.



REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. Normas de publicação. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FgBIFohyWBPcrH7vaxPogC5whcgaexc9/view>

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir - Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo, v.1, n. 2, p. 241- 251, 1993.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 02 de setembro de 2022.

Artigo aprovado para publicação em: 05 de dezembro de 2022.